

10

As migrações e o refúgio sob o prisma da Saúde Global: a gênese do Grupo de Trabalho do PPG em Saúde Global e Sustentabilidade da USP e do Centro de Relações Internacionais da Fiocruz¹

Ananda Melo King

Jameson Martins

Deisy de Freitas Lima Ventura

Marina Sujkowski

Harim Baek

Caio Murta Cesar

Júlia Moraes

¹Este capítulo reúne os principais resultados dos relatórios do Grupo de Trabalho sobre Migrações, Refúgio e Saúde Global, do PPG em Saúde Global e Sustentabilidade da FSP-USP, que compuseram os Cadernos do Centro de Relações Internacionais da Fundação Oswaldo Cruz (CRIS-Fiocruz) ao longo do ano de 2022. A versão completa dos Cadernos pode ser consultada em: <https://portal.fiocruz.br/cadernos-cris-informe-sobre-saude-global-e-diplomacia-da-saude>

INTRODUÇÃO

A liberdade de circulação internacional de pessoas é uma das promessas não cumpridas da globalização econômica. Mesmo antes da pandemia de Covid-19, dois terços da população mundial estavam impedidos de circular livremente em razão da exigência de vistos e outras autorizações de viagem (WITHOL DE WENDEN, 2012). Migrar exige recursos financeiros; vínculos familiares, inserção em redes ou em nichos de trabalho; conhecimentos de algum idioma que torne viável a circulação; e saúde suficiente para realizar deslocamentos que frequentemente implicam esforço físico e até risco de morte. Logo, apesar da intensa propaganda contrária às migrações e aos migrantes, a realidade é que 94,6% da população mundial reside no país onde nasceu (OIM, 2021).

A mera referência à saúde obriga a reconhecer o migrante ou o refugiado como uma pessoa cuja integridade física e mental deve ser levada em consideração. Quando analisadas sob a perspectiva sanitária, as políticas restritivas adotadas pelos Estados, cada vez mais pressionados pela ascensão de movimentos nacionalistas xenófobos, revelam sua verdadeira natureza: são promotoras de violações sistemáticas de direitos humanos. Porém, em muitos países, ainda que as extremas direitas não cheguem ao poder, a agenda conservadora acaba por influenciar negativamente o conjunto dos programas de governo nas disputas eleitorais, fazendo com que as políticas migratórias restritivas constituam o denominador comum de grande parte das forças políticas sobretudo nos países de alta renda.

Nos países de média e baixa renda, a ascensão das extremas direitas gera, em alguns deles, um mimetismo inquietante com os países ricos em relação aos temas de migração e refúgio. Eles também podem adotar políticas migratórias restritivas a depender da correlação de forças políticas, e as experiências positivas de acolhimento, de modo geral, são escassamente institucionalizadas e sofrem o impacto da alternância de poder em diversos níveis. Isto pode ocorrer com as políticas públicas de saúde destinadas a migrantes e refugiados ou, na ausência delas, com os temas relacionados ao acesso à saúde por migrantes e refugiados.

Nos últimos anos, a comunidade internacional tem reconhecido de forma crescente a importância da intersecção entre saúde global, migrações e refúgio, e com isso a necessidade de incrementar as iniciativas de cooperação internacional em saúde relacionadas a esta temática. Neste sentido, surge a necessidade de acompanhamento da agenda das organizações internacionais ligadas à saúde que se relaciona a migrações e refúgio, assim como das entidades especializadas em migrações e refúgio no que tange à saúde.

No PPG em Saúde Global e Sustentabilidade (PPG-SGS) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP), essa intersecção se impôs como um tema de pesquisa incontornável. Entre outras iniciativas, surgiu a parceria com o Centro de Relações Internacionais da Fundação Oswaldo Cruz - CRIS/Fiocruz, cujo Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde realiza o acompanhamento da conjuntura política internacional, com ênfase nos campos da saúde global e diplomacia da saúde, visando internalizar o debate internacional nestas áreas, com foco nas comunidades políticas, técnico-científicas e de práticas da saúde pública, das relações internacionais e da diplomacia, assim como da sociedade civil em geral.

Desde 2020, o Observatório publica informes quinzenais, denominados Cadernos CRIS sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde (CC-SGDS), que apresentam os resultados do acompanhamento sistemático dos principais documentos, informes, declarações, relatórios, notas, comunicados, eventos, reuniões e notícias, que possam ser considerados orientações estruturais ou conjunturais das agências internacionais sobre seu campo de abrangência, particularmente quando relacionados com saúde (na sua conceituação ampliada), ou atualizações sobre ações das respectivas agências nos planos global, regionais e nacionais, assim como notícias na imprensa nacional e internacional e em periódicos especializados das áreas de saúde global e de diplomacia.

Organizados em cerca de vinte grupos sobre temas ou Estados específicos, os membros do Observatório se reúnem em sessões quinzenais de fechamento e discussão do conteúdo dos CC-SGDS. Composto por dezenas de pesquisadores da Fiocruz e de outras instituições, radicados em todo o Brasil e no exterior, o Observatório tem coordenação geral de Paulo Buss, Pedro Burguer e Erica Kastrup no CRIS/Fiocruz.

Em janeiro de 2022, o Observatório propôs ao PPG-SGS a criação de uma seção sobre Migrações, Refúgio e Saúde Global no informe quinzenal do Observatório. Para este fim, foi criado um Grupo de Trabalho (GT) do PPG-SGS encarregado de conduzir a pesquisa que subsidiaria esta seção nos Cadernos CRIS/Fiocruz sobre Saúde Global e Diplomacia da Saúde.

No momento em que o PPG-SGS comemora sua primeira década, este capítulo tem por objetivo apresentar o GT e igualmente dar destaque aos principais temas presentes nos 23 informes quinzenais publicados pelo Grupo no ano de 2022. O texto se justifica pela necessidade de reconhecer a crescente importância da intersecção entre migrações, refúgio e saúde global. A produção destes informes só foi possível graças a existência de pesquisas voltadas a esta temática no seio do PPG-SGS, fruto de um longo percurso de pesquisa e extensão de alguns de seus professores credenciados, e da experiência sólida - de pesquisa e extensão ou profissional - de alguns de seus doutorandos nesta temática.

Também se justifica como exemplo exitoso de complementaridade entre pós-graduação e graduação, uma vez que os doutorandos do PPG-SGS coordenam o trabalho realizado por quatro alunos de três diferentes cursos de graduação da USP (Nutrição, Saúde Pública e Relações Internacionais). Ademais, é amostra da sinergia entre pesquisa e extensão, dado que os informes são elaborados em linguagem acessível ao grande público e estão disponíveis on-line, além de constituírem uma parceria do PPG-SGS com instituição de excelência internacional, que é a Fiocruz.

O GT baseou seus informes em documentos produzidos pelas três principais agências do sistema onusiano relacionadas à governança global da migração, do refúgio e da saúde, quais sejam, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, também se deu destaque aos temas abordados por diversos veículos da imprensa internacional e reconhecidas ONGs humanitárias, como Médicos sem Fronteiras e a Federação Internacional da Cruz Vermelha. Cada um dos estudantes de graduação se concentrou em uma das organizações citadas para coletar informações e redigir um sumário dos temas destacados da quinzena. Em seguida, os doutorandos coordenadores do GT editaram os textos para sua adequação formal e substancial, de modo a apresentá-los e discuti-los quinzenalmente nas reuniões do Observatório de Saúde Global e Diplomacia da Saúde. O resultado foi o acompanhamento crítico da agenda internacional relacionada ao tema.

TENDÊNCIAS GERAIS E GRANDES TEMAS

O ano de 2022 foi marcado pelo acirramento de algumas tendências globais relacionadas à mobilidade humana. Entre elas, o volume de deslocamentos forçados, que superou a marca de 100 milhões de pessoas ao fim de maio (UNHCR, 2022a), estimulado por numerosos conflitos armados prolongados ao redor do mundo em países como Etiópia, Burkina Faso, Mianmar, Nigéria, Afeganistão e República Democrática do Congo, além dos efeitos da crise climática sobre a insegurança alimentar em diversas regiões. A guerra deflagrada em fevereiro pela Rússia contra a Ucrânia, em particular, acelerou o número de deslocados internos e internacionais e repercutiu nos preços dos alimentos em outras partes do mundo, o que só incrementou os indutores da migração forçada.

O número recorde de deslocamentos forçados compõe um contexto mais amplo de mobilidade global, uma vez que o total de migrantes internacionais se elevou de 153

milhões a 281 milhões de pessoas entre 1990 e 2020, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2021). Ainda assim, trata-se de uma fração reduzida da população mundial (3,9%), que segue em sua maioria sedentária em seus países de origem.

Ao início de 2022, nosso primeiro informe dos Cadernos CRIS/Fiocruz identificava a manutenção, por parte de países desenvolvidos, de políticas migratórias restritivas à mobilidade, que recorrem continuamente ao fechamento e à hipervigilância de fronteiras, à detenção de pessoas em situação migratória irregular em centros de “retenção” que oferecem condições desumanas de abrigo e à banalização das políticas de dissuasão, que incluem a indiferença recorrente ao adoecimento e à morte massiva de migrantes. Tais políticas seguem vigentes, porém tiveram expostas as suas contradições pela guerra da Ucrânia, cujos cidadãos refugiados do conflito receberam a legítima proteção da comunidade internacional, em particular dos países vizinhos membros da União Europeia (UE). Esse tratamento ambíguo aos fluxos de refugiados e a perda contínua de vidas nas rotas migratórias internacionais, além da crescente influência da crise climática sobre os deslocamentos humanos, foram os grandes temas dos informes produzidos ao longo de 2022.

AMBIGUIDADE DA POLÍTICA MIGRATÓRIA EUROPEIA: OS UCRANIANOS E O “RESTO”

Imediatamente após a eclosão do conflito na Ucrânia, em fevereiro de 2022, foi notória a diferença entre o acolhimento oferecido aos refugiados de origem ucraniana e àqueles originários de regiões do Sul Global, especialmente África e Ásia. Diversos países da União Europeia, em particular os vizinhos à Ucrânia (Hungria, Polônia, Romênia e Eslováquia), declararam rapidamente seu apoio e solidariedade aos refugiados e puseram em marcha diversas medidas de acolhimento ao fluxo intenso e crescente vindo do país em conflito. O próprio ACNUR reconheceu e congratulou o bloco pelas medidas favoráveis à proteção das pessoas em deslocamento (UNHCR, 2022b), à medida que toda a UE propunha a facilitação da entrada e circulação dos refugiados no bloco.

É desta forma que se espera que o sistema internacional de proteção aos refugiados opere: os Estados devem manter suas fronteiras abertas àqueles que fogem dos conflitos armados; controles de documentos e de segurança devem ser relativizados, de modo que os que chegam sem documentos de viagem possam usufruir da proteção; medidas de detenção devem ser evitadas e os refugiados podem se juntar a suas famí-

lias ou redes de apoio em outros países, além de contar com apoio público das lideranças políticas e da sociedade civil local (GLOBAL DETENTION PROJECT, 2022). O acolhimento humanizado aos refugiados - brancos - ucranianos desnuda a hipocrisia da política migratória europeia, particularmente se a contrastamos com os discursos racistas e xenófobos dos mesmos líderes que ofereceram seu apoio sumário aos refugiados da Ucrânia em relação àqueles provindos do Oriente Médio e da África.

A mensagem do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados, Filippo Grandi, no Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial, 21 de março de 2022, deu o devido destaque ao contraste que mencionamos acima em relação ao tratamento de refugiados ucranianos e de outras nacionalidades. Grandi afirmou que “enquanto milhões ao redor do mundo se comoveram corretamente pelo sofrimento do povo ucraniano, as mesmas dificuldades - a mesma dor e tristeza, a mesma perda e angústia, o mesmo alívio por encontrar segurança” são experimentados por refugiados ao redor do mundo que também são dignos de compaixão e apoio. O Alto Comissário reconheceu as dificuldades de pessoas negras que tentavam fugir da Ucrânia, e de outras guerras ao redor do mundo, e não encontraram a devida proteção (UNHCR, 2022c). O próprio Diretor Geral da OMS, Tedros Adhanom, à mesma época, declarou que o racismo explicava a enorme diferença do foco midiático entre crises humanitárias sofridas por pessoas brancas e pessoas negras” (THE GUARDIAN, 2022).

Ao longo de 2022, os informes também se dedicaram a dar relevo a conflitos que encontraram pouca ou nenhuma repercussão internacional, a despeito do grande número de deslocados forçados que geram continuamente. Entre eles, destacamos:

- **Afeganistão:** Cerca de 3,4 milhões de pessoas estão deslocadas internamente no Afeganistão devido a conflitos. No total, aproximadamente 24 milhões em todo o país ainda precisam de apoio humanitário. Além disso, o sistema de saúde está passando por dificuldades por causa da pandemia de Covid-19 e um surto de sarampo.
- **Etiópia:** Na região do Tigray, em específico, a guerra vem ocasionando enormes letalidades, sendo considerada por alguns um genocídio, e por outros, a guerra mais fatal do momento. Segundo o diretor da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, “não há região no mundo em que a saúde de milhões de pessoas esteja mais em risco”. Isso se explica pelo fato de a Etiópia ser o segundo país mais populoso da África, pela brutalidade da guerra civil e pelo bloqueio da região de Tigray. Pesquisadores da Universidade belga de Ghent estimam que até meio milhão de pessoas tenham perdido a vida (entre 50 mil e 100 mil no conflito propriamente, entre 150 mil e 200 mil em decorrência da fome, e mais de 100 mil por falta de cuidados médicos) (GHOSH, 2022).

- **Venezuela:** Em outubro de 2022, havia mais de 7,1 milhões de refugiados e migrantes da Venezuela em todo o mundo, segundo estatísticas oficiais divulgadas pelos países anfitriões e compiladas pela Plataforma de Coordenação Inter-Agências para Refugiados e Migrantes da Venezuela (R4V, 2022). Mais de 80% estão hospedados em 17 países da América Latina e do Caribe. O número de refugiados e migrantes da Venezuela que enfrentam dificuldades no acesso a alimentos, moradia e emprego estável resultam em aproximadamente 4,3 milhões (UNHCR e IOM, 2022).
- **Síria:** Em 2022, com mais de 13 milhões de pessoas deslocadas (dos quais estimam-se 5,6 milhões de refugiadas em outros países), o fluxo migratório sírio ainda era um dos mais volumosos da atualidade. Em outubro de 2022, o país apresentou um surto de cólera após 15 anos, o que fragiliza ainda mais as condições sanitárias da população (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2022).
- **Haiti:** O Haiti passa por uma grave crise de insegurança política e social, potencializada pela frágil economia do país. Diversas regiões são controladas por milícias e gangues armadas, forçando milhares a deixar seu país de origem. A situação agrava ainda mais o cenário de destruição causado pelo terremoto que devastou grande parte do território em agosto de 2021, matando mais de 2.200 pessoas e destruindo mais de 50 unidades de saúde. Vale reiterar que o Haiti ainda se encontra em uma situação de grande fragilidade em decorrência do terremoto de janeiro de 2010, que matou mais de 200.000 pessoas, feriu mais de 300.000 e deixou mais de 1,5 milhão de desabrigados.
- **Sudão do Sul:** depois de aproximadamente uma década de conflito, a população do Sudão do Sul ainda sofre com violência, insegurança alimentar e impactos de grandes inundações, além da fragilidade gerada pela pandemia de Covid-19. O ACNUR pede por assistência financeira para proteger cerca de 2,3 milhões de refugiados do Sudão do Sul e as comunidades locais da República Democrática do Congo, Etiópia, Quênia, Sudão e Uganda.
- **Somália:** A seca alcançou níveis devastadores na Somália, elevando a 1 milhão o número de pessoas deslocadas dentro do país. Estima-se que o número de pessoas que enfrentam a fome na Somália aumente de cerca de 5 milhões para mais de 7 milhões nos próximos meses, agravado pelos efeitos das mudanças climáticas e pelo aumento dos preços dos alimentos devido ao conflito na Ucrânia (UNHCR e NRC, 2022).
- **Bangladesh:** Cerca de 937.000 pessoas já atravessaram a fronteira de Bangladesh, fugindo do Estado de Rakhine, em Myanmar. Esse movimento já ocor-

re há cinco anos e essas pessoas se encontram completamente dependentes de ajuda humanitária no maior campo de refugiados do mundo (IFRC, 2022a).

A extensão e a multiplicidade dos conflitos armados e de condições degradantes de vida ao redor do mundo revelam a urgência e o reforço que o sistema internacional de proteção a migrantes e refugiados necessita. A discrepância entre o tratamento atribuído aos deslocados ucranianos e aos de origem não-caucasiana evidenciou o caráter racial das políticas migratórias dos países de alta renda e a desigualdade forjada politicamente no acesso aos direitos humanos mais básicos das populações em deslocamento. Pode-se afirmar que o obstáculo para uma governança global efetiva das migrações não é a escassez de recursos, mas a falta de reconhecimento dos direitos de migrantes e refugiados.

MORTES EM DESLOCAMENTO

As mortes ao longo das rotas migratórias internacionais, em particular em direção a países desenvolvidos, foi outro tema recorrente dos informes do GT em 2022. As duas regiões do globo de maior letalidade para migrantes e potenciais solicitantes de refúgio são o mar Mediterrâneo e a fronteira México-Estados Unidos. Estas regiões concentram mais da metade das mortes de mais de 52 mil migrantes desde 2014 em todo o mundo (IOM, 2022), embora tais dados sejam reconhecidamente muito subestimados. Observa-se que há uma correlação direta entre a abordagem securitária das políticas migratórias restritivas da União Europeia e dos EUA e o volume inaceitável de óbitos nas linhas fronteiriças que os separam de países de menor renda. Por ação direta ou omissão deliberada de seus governos, milhares de pessoas são expostas aos riscos de travessias extremamente perigosas e frequentemente fatais.

Entre o fim de 2021 e o início de 2022 repercutiram mais casos de naufrágios mortais no mar Mediterrâneo, de embarcações lotadas de potenciais solicitantes de refúgio provenientes de países do Oriente Médio (Síria e Afeganistão, em particular), que partem de portos da Turquia em direção à Itália, tentando desviar dos controles fronteiriços europeus nas costas das ilhas gregas (RAFENBERG, 2021). Trata-se de rotas marítimas ainda mais perigosas do que aquelas que levam à Grécia, conduzidas por atravessadores que chegam a cobrar 9 mil euros de seus passageiros. As autoridades gregas acusam a Turquia da falta de controle sobre esse trânsito, que partiria de grandes portos turcos em direção à Itália, passando pelo Mar Egeu e o sul da ilha de Creta.

O cenário se repete do outro lado do mar Mediterrâneo, onde estima-se que 4.404 vítimas fatais pereceram em naufrágios tentando alcançar a costa espanhola em 2021 (CAMINANDO FRONTERAS, 2021) e no Canal da Mancha, entre França e Reino Unido (FAULKNER e LEE, 2021). Esses casos são mais uma demonstração do quanto os controles fronteiriços ostensivos da UE têm por consequência mais direta a elevação do número de mortes em suas fronteiras, uma vez que as causas fundamentais dos fluxos - conflitos armados e terríveis violações de direitos humanos nos países de origem - não encontram solução imediata e, até certo ponto, são alimentados por interesses dos mesmos Estados que reforçam as fronteiras contra a chegada de potenciais solicitantes de refúgio.

Em junho de 2022, durante a 9ª Cúpula das Américas que reuniu as lideranças dos países do continente americano na cidade de Los Angeles (EUA), foi assinada a Declaração de Los Angeles sobre Migração e Proteção (THE WHITE HOUSE, 2022). Os Estados Unidos, em particular, se comprometeram com a admissão de 20 mil refugiados da América Latina nos próximos dois anos e a emissão de vistos temporários de trabalho em 11,5 mil para a América Central e o Haiti. Esses números ainda representam uma fração muito pequena dos migrantes que tentam atravessar a fronteira a partir do México, um fluxo que alcançou um milhão de pessoas em 2022.

A administração Biden ainda preserva medidas mais duras de contenção da migração do governo Trump, incluindo a restrição de entrada por questões de saúde pública baseada na pandemia de Covid-19, o chamado *Título 42*. Essa política instruiu que as autoridades de fronteira dos EUA impedissem a entrada de requerentes de refúgio e outros imigrantes sem documentos. A expulsão é efetuada sem que os migrantes tenham acesso ao processo de triagem de refúgio exigido por lei. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) planejava retirar a restrição no fim de maio, mas foi impedido pela decisão de um juiz federal (THE NEW YORK TIMES, 2022). O *Título 42* levou à expulsão de mais de 17.700 pessoas dos Estados Unidos de janeiro de 2021 a abril de 2022, de acordo com informações da Alfândega e Proteção de Fronteiras.

MOBILIDADE E CRISE CLIMÁTICA

Sabe-se que as mudanças climáticas já têm e terão ainda mais impacto sobre a saúde humana nos próximos anos, devido a fatores como o surgimento de epidemias/ pandemias, a redução da qualidade do ar e da água, as mortes por ondas de calor e por “empurrar” populações para viver em ambientes insalubres. Para além desses pontos,

é importante considerar a crise climática como grande geradora de fluxos migratórios forçados ao redor do mundo.

Segundo a Organização Meteorológica Mundial, já são mais de quatro bilhões de pessoas em situação vulnerável devido a essas mudanças, e de acordo com a ONU, são 30 milhões de deslocamentos registrados devido a ocorrências climáticas. Além de desastres climáticos, o aumento da temperatura média da Terra também está relacionado ao início de conflitos, como, por exemplo, a disputa pela água escassa em regiões do Burkina Faso, que tem impactado negativamente a vida e o bem-estar da população local.

Conforme relatório da Federação Internacional da Cruz Vermelha, nenhum dos 30 países mais vulneráveis aos efeitos da crise climática está entre os 30 maiores receptores de financiamento de adaptação (*per capita*), ou seja, as comunidades mais afetadas não estão recebendo ajuda suficiente (IFRC, 2022b). Com isso, além de ser urgente frear abruptamente a poluição e a destruição do meio ambiente, é preciso também dar a ajuda necessária às comunidades que dela precisam.

Deve ser sublinhado que 86% dos desastres dos últimos 10 anos foram causados por mudanças climáticas, matando 410 mil pessoas diretamente e afetando outro 1,7 bilhão de pessoas. Além disso, o IPCC demonstrou que mais de 3,3 bilhões de pessoas estão vivendo num contexto de vulnerabilidade climática.

O ACNUR fez um apelo à inclusão de refugiados e deslocados no documento final da COP (Conference of the Parties) 27, em novembro passado. Refugiados e deslocados estão entre os mais expostos à crise climática. Muitos buscam segurança em países que menos contribuíram para a mudança climática, mas têm menos recursos para se adaptar. Além disso, os deslocados esperam participar nas mesas de negociação da COP 28 para garantir que as decisões não sejam tomadas por eles sem eles (UNHCR, 2022d).

Conforme o relatório “*Da reação à ação: antecipando pontos críticos de vulnerabilidade no Sahel*”, se a emergência climática continuar de maneira desenfreada, acabará colocando as comunidades sahelianas em situação de maior perigo, sob enchentes devastadoras, secas e ondas de calor que dificultam o acesso à água, alimentos, meios de subsistência e aumentam o risco de conflitos. Este contexto forçará cada vez mais pessoas a deixarem seus lares.

Em 2022, em particular, o Paquistão e o Sudão do Sul foram países duramente atingidos por longos períodos de chuvas torrenciais e suas devastadoras consequências. No Paquistão, aproximadamente 33 milhões de pessoas foram afetadas, das quais 6,4 milhões tiveram que deixar suas residências, necessitando de abrigo, alimentação e demais itens de necessidades essenciais, além de mais de mil mortes entre junho e agosto de 2022 (AFRIDI, 2022). No Sudão do Sul, mais de 900 mil pessoas foram diretamente

afetadas pelas chuvas, pois as águas varreram casas e animais e inundaram grandes áreas de terras agrícolas, agravando a emergência alimentar, e submergiram poços e latrinas, contaminando as fontes de água e aumentando os riscos de surtos de doenças (UNHCR, 2022e).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento desta temática sob o prisma da saúde global pode ser decisivo para o futuro das migrações e do refúgio pois o enfoque da saúde muda automaticamente os termos do debate sobre mobilidade humana.

A experiência de liderança deste grupo de pesquisa para os doutorandos trouxe uma perspectiva mais concreta para suas análises e temas de pesquisa, o que ocorreu também com os estudantes da graduação. Dada a intensidade e a gravidade dos muitos fluxos migratórios ocorridos em 2022, potencializadas pela pandemia de Covid-19, a produção de textos para a comunidade acadêmica e para o público em geral foi considerada de grande relevância por permitir a divulgação de conhecimento atual - “em tempo real” - através dos informes, que possuem um alcance considerável junto a grupos de interesse pelos temas da migração, saúde global e do acesso à saúde como direito humano.

Como ficou demonstrado nas seções anteriores, as respostas humanitárias promovidas pela comunidade internacional, vistas sob o prisma da saúde, revelam sua incipiência diante dos imensos desafios cotidianos que migrantes e refugiados enfrentam, assim como os governos e as sociedades. De modo geral, os programas internacionais enfrentam resistências dos Estados. Muitas ações carecem de sustentabilidade e frequentemente limitam-se ao assistencialismo, fundado em valores que atentam contra a dignidade humana. A compaixão diante do sofrimento pode ser despolitizada, e acompanhada de uma espécie de condescendência ao agir “em nome da humanidade”, sem reconhecer as inequidades e a violência que acompanham o cuidado em numerosas ações humanitárias (BIEHL, 2016).

Imbuídos de uma abordagem crítica da saúde global, os informes do GT para os Cadernos CRIS/Fiocruz levantaram dados e programas relevantes das principais organizações internacionais implicados nos temas da seção, a fim de subsidiar debates e acompanhar sua evolução ao longo de 2022. A colaboração entre o PPG-SGS e o CRIS/Fiocruz fornece assim as bases para incluir os temas dessa agenda em círculos acadêmicos e profissionais e elevá-los à importância que possuem no âmbito internacional.

REFERÊNCIAS

- AFRIDI, K. **Inundações desastrosas no Paquistão afetam cidadãos e refugiados**. UNHCR. 2 set. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/09/02/inundacoes-deixam-milhoes-de-pessoas-desabrigadas-no-paquistao/>. Acesso em: 5 set. 2022.
- BIEHL, J. Theorizing global health. **Medicine Anthropology Theory**, v. 3, n. 2, p. 127-142, 2016. <https://doi.org/10.17157/mat.3.2.434>.
- CAMINANDO FRONTERAS. **Monitoreo del Derecho a la Vida en la Frontera Occidental Euroafricana** - Año 2021. Caminando Fronteras, 20 dez. 2021. Disponível em: https://caminandofronteras.org/wp-content/uploads/2022/01/MONITORE-DALVES_v05.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.
- FAULKNER, D.; LEE, D. Channel deaths: More boats arrive after 27 people drown. **BBC News**, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-59412329>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- GHOSH, B. The world's deadliest war isn't in Ukraine, but in Ethiopia. **Bloomberg**, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2022-03-22/ethiopia-s-war-toll-grows-as-the-world-looks-away>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- GLOBAL DETENTION PROJECT. **The Ukraine Crisis** - Double Standards: Has Europe's Response to Refugees Changed? 02 mar. 2022. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/GDP%20Ukraine%20Crisis%2002.03.2022.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- IFRC - INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES. **Nearly 1 million still await life at the world largest displacement camp**. IFRC, 23 ago. 2022. 2022a. Disponível em: <https://www.ifrc.org/press-release/nearly-1-million-still-await-life-world-largest-displacement-camp>. Acesso em: 26 ago. 2022.
- IFRC - INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES. **COP27: The world cannot afford another set of vague promises, warns IFRC**. 2022b. Disponível em: <https://www.ifrc.org/press-release/cop27-world-cannot-afford-another-set-vague-promises-warns-ifrc>. Acesso em: 1 nov. 2022.
- IOM - INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Missing Migrants Project**. IOM. 15 nov. 2022. Disponível em: <https://missingmigrants.iom.int/sites/g/>

files/tmzbd1601/files/publication/file/2022%2050k%20deaths.pdf . Acesso em: 18 nov. 2022.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. **Síria tem primeiro grande surto de cólera em 15 anos.** Médicos Sem Fronteiras, Notícias, Brasil, 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/siria-tem-primeiro-grande-surto-de-colera-em-15-anos/>. Acesso em: 21 out. 2022.

OIM - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **World Migration Report 2022.** 1º de dezembro de 2021. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em: 30 jan. 2022.

R4V - INTER-AGENCY COORDINATION PLATFORM FOR REFUGEES AND MIGRANTS FROM VENEZUELA. R4V Latin America and the Caribbean, Venezuelan Refugees and Migrants in the Region. **Refugees and migrants from Venezuela.** 12 dec. 2022. Disponível em: <https://www.r4v.info/en/refugeeandmigrants>. Acesso em: 15 dec. 2022.

RAFENBERG, M. En Grèce, migrants et passeurs empruntent des routes plus périlleuses. **Le Monde**, 30 dez. 2021. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2021/12/30/en-grece-migrants-et-passeurs-empruntent-des-routes-plus-perilleuses_6107733_3210.html . Acesso em: 23 jan. 2022.

THE GUARDIAN. **Who chief blames racism for greater focus on Ukraine than Ethiopia.** 13 abr. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/apr/13/who-chief-tedros-ukraine-ethiopia-tigray>. Acesso em: 15 abr. 2022.

THE NEW YORK TIMES. Judge Orders Government to Continue Migrant Expulsions on Border. GOODMAN, D. e JORDAN, M. **The New York Times**, 20 mai. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/05/20/us/title-42-border-migrants-court.html?searchResultPosition=4>. Acesso em: 23 mai. 2022.

THE WHITE HOUSE. Los Angeles Declaration on Migration and Protection. **The White House**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2022/06/10/los-angeles-declaration-on-migration-and-protection/> . Acesso em: 13 jun. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY. **Ukraine, other conflicts push forcibly displaced total over 100 million for the first time.** 2022a. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/press/2022/5/628a389e4/unhcr-ukraine-other-conflicts-push-forcibly-displaced-total-100-million.html>. Acesso em: 23 mai. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY. **UNHCR's Grandi praises Europe's welcome for refugees fleeing Ukraine.** 2022b. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/>

press/2022/3/62278f8e4/news-comment-unhcrs-grandi-praises-europes-welcome-refugees-fleeing-ukraine.html. Acesso em: 08 mar. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY. **High Commissioner's message on the international day for the elimination of racial discrimination.** 2022c. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/press/2022/3/62370dc44/high-commissioners-message-international-day-elimination-racial-discrimination.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY. **UNHCR: Refugees and displaced people need seats at COP28 table.** 2022d. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/briefing/2022/11/637746ec315/unhcr-refugees-displaced-people-need-seats-cop28-table.html>. Acesso em: 21 nov. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY. **Devastation in South Sudan following fourth year of historic floods.** 2022e. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/briefing/2022/10/635251694/devastation-south-sudan-following-fourth-year-historic-floods.html>. Acesso em: 24 out. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY; IOM - INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **Three quarters of refugees and migrants from Venezuela struggle to access basic services in Latin America and the Caribbean.** Press Release. UNHCR, 12 de out. 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/press/2022/10/63467b384/three-quarters-refugees-migrants-venezuela-struggle-access-basic-services.html>. Acesso em: 15 out. 2022.

UNHCR - UN REFUGEE AGENCY; NRC - NORWEGIAN REFUGEE COUNCIL. **One million people displaced by drought in Somalia.** UNHCR, 11 de ago. 2022. Press Release. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/press/2022/8/62f4c3894/million-people-displaced-drought-somalia.html>. Acesso em: 14 ago. 2022.

WITHOL DE WENDEN, C. Les dynamiques migratoires dans le monde. **Humanitaire**, n. 33, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/humanitaire/1412>. Acesso em: 30 jan. 2022.